



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i2.1613>



O vasto campo de possibilidades que une a história oral e os estudos do futebol

Gabriel de Lima Sandoval Santos*

ORCID iD 0009-0004-4276-7805

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil



RIBEIRO, Rafael Rajão; HOLANDA, Bernardo Buarque de (Org.). História Oral e futebol: um campo de possibilidades. São Paulo: Lera e Voz, 2024. (História oral e dimensões do público).

* Mestrando em Estudos Culturais pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-Graduado em LLM Sports Law pela Trevisan Escolas de Negócios. Pós-Graduado em Direito Constitucional pela Faculdade Damásio. Pós-Graduando em Direito Desportivo e Negócios no Esporte pelo Centro de Estudos em Direito e Negócios (CEDIN). Bacharel em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: gabrielpiro@hotmail.com.

O livro *História Oral e futebol: um campo de possibilidades*, lançado em 2024, pela editora Letra e Voz, é organizado pelos historiadores e pesquisadores Rafael Rajão Ribeiro e Bernardo Buarque de Holanda e faz parte de uma coleção que se denomina “História oral e dimensões do público”, dirigida por Juniele Rabêlo de Almeida, a qual oferece diversas perspectivas sobre a relação entre a história oral, os públicos e os temas de acordo com cada um dos seus volumes. O livro tem pouco mais de 200 páginas, com fonte agradável e leitura fluida ao leitor que mergulha nesse universo, através dos nove artigos escritos que dialogam sempre com uma temática particular relacionada ao futebol e a história oral.

O artigo “Três entrevistas e um destino: a história de Havelange ou a história da FIFA?” destaca como João Havelange sempre manteve a mesma narrativa acerca de sua história de vida, guiando as respostas para aquilo que o próprio considerava como sua narrativa oficial. Conforme observado no texto, essa forma de construção narrativa sugere alguma omissão do narrador, dentro daquilo que Liblik (2021) chama de ressignificação, evidenciando uso estratégico da memória para construir um instrumento de poder social.

Por outro lado, o artigo “As elites políticas do futebol: modos de fazer história oral” reflete sobre o papel dos dirigentes em posições de poder. O texto trabalha, de forma entrelaçada, aspectos de memória individual e coletiva, bem como questões de identidade, por meio de entrevistas realizadas com dirigentes específicos de quatro clubes nacionais (Flamengo, Fluminense, Caxias e Juventude).

O artigo “Vozes do Museu do Futebol: memórias de futebolistas brasileiros participantes de Copas do Mundo (1954-1982)” nos mostra que a memória é um trabalho sobre o tempo vivido (Bosi, 1993), ao debater as diferentes experiências do participar de uma Copa do Mundo, a relação entre a equipe e a identidade nacional na percepção desses atletas e o entendimento coletivo acerca das condições sociopolíticas existentes no país naquele período. Sendo assim, as memórias registradas se tornam elemento constitutivo de sentimento de identidade, pertencimento individual e coletivo, orgulho e liderança, mas também de frustrações e resignações.

Já o artigo “Problematização da memória da experiência do jogador migrante” analisa entrevistas realizadas com atletas brasileiros de futebol que migram para Portugal e reconhece que o depoimento não pode ser tomado como algo totalizante (Bosi, 1993), uma vez que no caso analisado os depoimentos colhidos não revelaram casos de falsificação de documento, dificuldades de sobrevivência e conflitos com clubes e empresários, situações identificadas em outras pesquisas sobre o tema. A opção pelo silêncio se faz na intenção de preservar uma memória e uma história que não seja associada como um fracasso na escolha realizada. Assim, a situação observada denota que o trabalho com a história de vida está sempre no meio do dilema do que é dito, quase dito, lembrado, esquecido ou silenciado (Liblik, 2021).

O artigo “Relatos de pioneiras: Esporte Clube Radar e a retomada do futebol de

mulheres pós-proibição”, que aborda a retomada do futebol feminino após o período de proibição, a partir de entrevistas com atletas do Esporte Clube Radar, no Rio de Janeiro e o artigo “História oral, outras histórias e outros/as torcedores/as: as narrativas da torcida Coligay”, que realiza uma análise sobre a característica de alguns dos torcedores entrevistados da Coligay, torcida homossexual ligada ao Grêmio de Porto Alegre, fundada em 1977, comprovam que a história oral é a história dos eventos, a história da memória e a história da interpretação dos eventos através da memória (Portelli, 2016), porque essa relação e esses sentimentos vivenciados foram reformulados e ressignificados com o passar do tempo. Parte dos entrevistados da Coligay, hoje, já não tem mais nenhum sentimento de vínculo com o clube e reconhecem que a experiência de torcer criou um espaço de lazer e de reconhecimento das próprias personalidades. Por outro lado, as atletas de futebol feminino, atualmente, têm consciência das lutas para o enfrentamento ao machismo, ao racismo e às desigualdades estruturais.

No artigo “Territórios do torcer: uma análise dos depoimentos de fundadores e lideranças das torcidas organizadas de São Paulo” preenche-se um vazio historiográfico sobre o desenvolvimento das torcidas organizadas e sua expansão, com olhos para uma relação social que constrói uma identidade de memórias e desejos partilhados por uma coletividade. A união, em prol de objetivos em comum existente entre os dirigentes dessas entidades, se transforma, no meio da década de 1980, com o surgimento de outras torcidas, que possuem uma outra concepção e passam a querer ser respeitadas através da força e da violência. A história oral nesse empreendimento tem o papel de registrar memórias e experiências para desvendar a forma pela qual as torcidas organizadas adotaram novas posturas e perspectivas no decorrer do tempo.

O artigo “Análise de discurso como instrumento de investigação científica da história do ativismo futebolístico no Brasil contemporâneo: um exemplo sobre o (anti) fascismo” analisa o discurso de membros de uma torcida organizada antifascista. A partir disso, discute que a linguagem não apenas expressa pensamento, mas também produz realidade, sendo uma ação sobre o mundo existente. Por fim, o último artigo faz uma revisão integrativa de produções acadêmicas de história oral de futebol, apresentando um panorama quantitativo de temas abordados, regiões, cidades e universidades envolvidas e gênero de escritores. Esse, aliás, poderia ser o primeiro artigo do livro, pois traz uma análise quantitativa interessante para evidenciar que o universo que liga a história oral e o futebol é um vasto campo de possibilidades de pesquisa a ser explorado, desenvolvido e investigado.

O livro, portanto, demonstra que o estudo sobre o futebol dentro da história oral pode ser bem mais do que exposições de trajetórias de vida de sujeitos que estão à margem da história clássica ou de temas clássicos de história política. Há um leque de opções e perspectivas ao pensar questões sobre narrativa, orgulho, frustração, resignação, esquecimento, memória, vínculo, negação e pertencimento, mostrando o acerto das escolhas dos artigos selecionados, seja pela ausência de repetição no tema, seja pela

diversidade na forma de abordar e relacionar história oral com futebol. A obra, assim, acessa estudos que tratam de constituição e mobilização de acervos orais, até a produção baseada em investigações originais que exploram toda a potência que os relatos orais têm nesse campo de pesquisa, sejam elas questões tradicionais ou emergentes.

Nesse campo, a obra dissemina conhecimento, prestigia e dá atenção ao universo do futebol dentro da academia e abre espaço para temas ausentes nesta coletânea de artigos, como racismo, xenofobia, assédio sexual, futebol de várzea e outros aspectos relevantes do esporte mais popular do país. Dessa forma, a obra preenche um espaço dentro da história oral e amplia o debate acadêmico, sendo certo que a história oral contribui para difundir o conhecimento sobre outras camadas que compõe o universo do futebol.

Referências

BOSI, Ecléa. A pesquisa em memória social. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1/2, p. 84-277, 1993.

LIBLIK, Carmem Sílvia da Fonseca Kummer. A entrevista na história oral: notas sobre intersubjetividade e relação historiador-depoente. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 273-291, 2021.

PORTELLI, Alessandro. História oral: uma relação dialógica. In: PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9-26.

RIBEIRO, Raphael Rajão; HOLLANDA, Bernardo Buarque. *História oral e futebol: um campo de possibilidades*. São Paulo: Letra e Voz, 2024. (História oral e dimensões do público).

Recebido em 23/06/2025

Versão final reapresentada em 11/07/2025

Aprovado em 14/07/2025